

# Reflexões a partir do filme Tár

Monica De Bolle

Pensando Alto, April 9, 2023

## Arte e ciência no calabouço das guerras culturais

Na cena mais controvertida do filme que não me sai da cabeça — já o assisti duas vezes e estou indo para a terceira — Lydia Tár, a maestra encarnada de forma magistral por Cate Blanchett, está em uma sala de aula da renomada escola de música Juilliard. Com ela há cerca de uma dezena de alunos, aspirantes a músicos e maestros. O rapaz ao pódio conduz uma composição atonal quando é interrompido pela ilustre regente. O momento inaugura os dez minutos mais falados e esmiuçados do filme. Para alguns, a cena mostra o caráter narcisista e abusivo de Tár; para outros a cena é um emblema da chamada “cultura do cancelamento”; outros ainda viram na cena os embates identitários e geracionais da atualidade, e o ressurgimento do velho debate a respeito da separação entre a arte e o artista. Achei as leituras da cena demasiado rasas para um filme que, antes de tudo, enaltece a ambiguidade. A arte de Todd Fields e Cate Blanchett é o resgate do humanismo, tão pisoteado e rebaixado na era e no tempo das máquinas. Não há humanismo sem ambiguidade.

Tár está para o narcisismo assim como todos nós estamos. Chega a ser irônica a caracterização a ela atribuída nesses tempos em que aparecer nas redes, ser reconhecido como *influencer*, e ter como objetivo maximizar o número de seguidores transforma todos em caricaturas do transtorno de personalidade. Tár demonstra arrogância em vários momentos, em relação aos alunos oscila entre a raiva mal-contida, a frustração, e a vontade genuína de mostrar-lhes algo. O que pretende Tár mostrar? Ela quer que sintam a sua paixão, o seu prazer pela música, pelo tempo da música, por sua sonoridade, por aquilo que ela simboliza. O prazer de Tár é a arte pela arte, sem que considerações adicionais sejam necessárias. Os alunos, entretanto, vibram em outra frequência. Estão lá preocupados com distinções formais da musicalidade, com as características pessoais dos compositores, com a sua própria identidade em um mundo de identidades fragmentadas. Em certo momento, diz Tár algo como “ah, o narcisismo proveniente das pequenas diferenças...como ele leva a mais enfadonha conformidade”. Ouvi com deleite particular essa fala. O identitarismo levado às últimas consequências também apaga a pluralidade, e, é a pluralidade que define o humanismo. Mas, esse é assunto para outro artigo.

Pensando Alto / Thinking Out Loud is a reader-supported publication. To receive new posts and support my work, consider becoming a free or paid subscriber.

Tár tenta em vão mostrar ao aluno do pódio que sua obstinada rejeição a Bach por ter sido o compositor “homem branco, cis” não faz sentido. Para tanto, pede que ele se junte a ela no piano e ouça um trecho do Prelúdio em C Maior. Ouçam o Prelúdio em C Maior:

Sigam a recomendação de Tár e acompanhem a pergunta. As sequências de notas, diz ela, são perguntas. Além da beleza da música, o que prende o ouvinte é a pergunta, jamais a resposta, enfatiza. Não tenho como discordar. O humano está em perguntar e em perceber como cada resposta traz sempre uma nova pergunta. A condição humana, por excelência, é a de fazer perguntas, menos de oferecer respostas. Leiam o restante desse artigo com Bach.

Eis, portanto, o que encerra a cena: o declínio da capacidade de fazer perguntas encarnado pelos jovens naquela sala. Tive algumas experiências recentes assim, e por isso, também, pus a Ciência no título desse artigo. Vi e vejo, por exemplo, alunos de economia impregnados de certezas e esbanjando-as nas redes sociais. No Brasil o problema é ainda mais agudo. Esses jovens, alguns sequer graduados, outros ainda no meio do longo ciclo de pós-graduação, pontificam e atacam. Perdem o precioso tempo do questionamento na etapa da vida em que se tem mais tempo para remoer e revirar perguntas, grandes, médias, pequenas. Estive por esses dias visitando a London School of Economics com meu filho — foi uma delícia por vários motivos, mas sobretudo pelas lembranças de um momento da vida em que o mundo se abre despudoradamente em perguntas, a primavera. Cultivar esse estado intelectual e emocional é tarefa para toda uma vida, mas para isso é preciso rebaixar as certezas à sua relativa irrelevância. Não é isso que percebo, como professora ou aluna.

Fui aluna até o fim do ano passado, quando concluí o mestrado em imunologia e microbiologia. A experiência me impactou de várias formas, mas talvez a maior delas tenha sido a semelhança entre os meus colegas da pós e os alunos de Tár. Ao longo das várias disciplinas que fizemos tivemos contacto com os maiores pesquisadores de diferentes áreas — da biologia molecular, ao desenvolvimento de imunoterápicos, à génética e medicina de alta precisão. Raras eram as perguntas. Certo dia, um dos professores me chamou para conversar. Ele queria saber minhas impressões do curso — ao menos, esse foi o pretexto. Na realidade, ele queria dividir comigo a frustração com os alunos carentes de perguntas. Como se forma um pesquisador que não tem perguntas? Ou, um músico?

Estão as guerras culturais e identitárias a sepultar as perguntas, a enclausurar a arte e a ciência em calabouços? Está aí uma pergunta repleta de ambiguidades, impossível de responder, além de fonte de uma penca de outras perguntas.

Feliz Páscoa!